

especial

Emoções, Gênero e Sexualidade: apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da Antropologia das Emoções

RAPHAEL BISPO

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

MARIA CLAUDIA COELHO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v28i2p186-197

“Qualquer discurso sobre emoção é também, pelo menos implicitamente, um discurso sobre gênero” (LUTZ, 1990, p. 69, tradução nossa). A emblemática frase é de Catherine Lutz, que dedicou boa parte de sua carreira acadêmica a examinar, a partir de um olhar antropológico, a maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. O campo da Antropologia das Emoções tem como marco fundador, na cena antropológica norte-americana, a década de 1980, e Lutz é certamente um dos grandes nomes que estimularam a consolidação dessa área de investigação. Hoje seus escritos são referências seminais e por meio deles podemos perceber que, ao lado do desafio de legitimar os sentimentos como um objeto passível de atenção dos antropólogos, a temática do gênero (e poderíamos incluir também a da sexualidade) sempre permitiu de imediato às pesquisadoras expoentes dessa época vislumbrar o “social”/ “cultural” a partir do “emocional”. Ao lado de Lutz, Michelle Rosaldo e Lila Abu-Lughod são precursoras desse momento fundante do campo ao também realçarem os sentimentos como experiências sociais capazes de jogar luz nas vivências dos gêneros em sociedade e no exercício de suas sexualidades.

Mas por que essas intersecções entre emoções, gênero e sexualidade serviram como uma plataforma para a formação de uma Antropologia das Emoções? Se melhor situarmos a frase de Lutz acima transcrita, teremos algumas pistas para responder a essa questão. Como uma típica antropóloga norte-americana, Lutz realizou sua pesquisa de campo entre os Ifaluk, habitantes de uma pequena ilha do Pacífico Sul, lugar “longínquo”, “exótico”, afastado de seu país de origem e estudos. Entretanto, seu interesse de pesquisa sempre foi estabelecer também uma comparação das cosmologias desse povo com as concepções sobre a vida emocional que caracterizariam a Europa Ocidental e a América do Norte, empreendimento antropológico boa parte das vezes relegado a um segundo plano em uma antropologia pouco afeita ao *at home*.

A “etnopsicologia euroamericana” é o nome dado pela autora para caracterizar esse empreendimento em obras como *Unnatural Emotions* (1988). Para ela, essas concepções girariam em torno de duas oposições: emoção/ pensamento e emoção/distanciamento. Na primeira oposição, a emoção é o polo negativo, atributo do feminino e desvalorizado por sua associação com o descontrole, fonte simultaneamente de perigo (para os outros) e de vulnerabilidade (para si mesma); já a razão seria o polo positivo, atributo do masculino e valorizado por sua relação com o controle de si e do mundo. Na segunda oposição, a valoração surge invertida: a emoção, ainda atributo do feminino, é agora potência de empatia e solidariedade para com a dor do outro, e é por isso mesmo valorizada; já seu oposto, o distanciamento, seria uma marca do masculino e falaria de indiferença, de “frieza” diante do sofrimento alheio, sendo por isso desvalorizado.

O que verificamos nessa análise de Lutz é a centralidade no Ocidente moderno da associação do discurso emotivo ao universo feminino, ou seja, as emoções ocupariam um importante lugar nas ideologias ocidentais de gênero. Em artigo publicado apenas dois anos depois de *Unnatural Emotions*, Lutz (1990) discute o impacto da associação feminino-descontrole sobre a dimensão de poder que perpassa as relações entre os gêneros, sugerindo que no cerne da dominação masculina estaria, justamente, essa percepção do feminino como emocionalmente descontrolado e, por isso, potencialmente disruptivo e perigoso. Assim, nesse imaginário euroamericano, costuma-se relegar às mulheres o papel de “gênero emotivo”, identificadas também com o “irracional”, o “não-objetivo”, o “caótico”, o “privado”, entre outras características negativas ou mesmo vistas como positivas (“compadecimento com a dor”, “empatia”, “solidariedade”), as quais, porém, servem também ao exercício da dominação e subordinação de gênero, afirma a autora (LUTZ, 1988, p. 68-69).

A maioria dos conceitos associados à emoção, incluindo particularmente o de irracionalidade, está sugerida pela afirmação de que as mulheres são mais emocionais que os homens. Ao se dizer que as mulheres são emocionais, afirma-se também sua inferioridade, dada a desvalorização cultural generalizada da emoção. Deve-se notar que não estou afirmando que a avaliação negativa da emoção leva a uma avaliação negativa das mulheres porque as mulheres são (objetivamente) emocionais, mas sim que as ideologias de gênero, de self e emoção se reforçam mutuamente no que diz respeito ao local onde a fraqueza e a inferioridade devem ser encontradas. A posição social e ideologicamente fraca das mulheres é assim marcada pelas conexões estabelecidas quando se define o lugar das emoções. (LUTZ, 1988, p. 74, tradução nossa)

Logo, consolidar uma Antropologia das Emoções por meio da resignificação do sentido que a “vida emocional” possuía nas ideologias da modernidade, realçando o seu papel dentro de uma lógica de poderes e hierarquias, tornou-se a proposta de inúmeras

antropólogas preocupadas com essas questões à época. Tratava-se, portanto, de uma abordagem que buscava não só compreender a “construção cultural” das emoções – as chamadas vertentes do “historicismo” e do “relativismo” tal como categorizadas por Lutz e Abu-Lughod (1990) – mas, também, realçar o seu papel micropolítico, isto é, a maneira como elas trabalham na delimitação dos poderes e dos status em uma determinada sociedade (REZENDE; COELHO, 2010). Esse movimento gerou uma percepção sistematizada do quanto os grupos tradicionalmente tidos como passivos e socialmente inferiores, incapazes de serem “racionais” como os dominantes, sempre estiveram associados à esfera emotiva em algum nível de suas vidas (mulheres, negros, camponeses, homossexuais, grupos indígenas ou de outras culturas mais “exóticas”, entre outros). Não é à toa essa série de trabalhos cujas propostas se encaixam na tentativa de desmistificar tais correlações, como fez Lutz em seus escritos sobre gênero.

Assim, ao percebermos o contato de tal literatura das emoções dos anos 1980 com as correntes da disciplina que muitas das vezes se confundem com propostas mais explicitamente “políticas”, como os estudos feministas, de gênero e sexualidade (*women’s studies, gender and sexuality studies*), além dos estudos pós-coloniais (*post-colonial studies*), compreendemos melhor as motivações que tornaram possíveis as análises que articulam o eixo das emoções com o do gênero e da sexualidade, tornando tais temas desde sempre fundamentais para o campo da Antropologia das Emoções. Desses trabalhos, podemos destacar também como de maior interesse para os propósitos de apresentação deste dossiê a definição das emoções como “pensamentos incorporados”, proposta por Rosaldo, que é assim formulada:

As emoções são pensamentos de certa forma ‘sentidos’ em rubores, palpitações, ‘movimentos’ dos fígados, mentes, corações, estômagos, pele. São pensamentos incorporados, pensamentos perpassados pela percepção de que “estou envolvido”. Pensamento/afeto assim sugere a diferença entre a mera escuta do choro de uma criança e uma escuta sentida – como quando a pessoa percebe que há perigo ou que a criança é o seu próprio filho (ROSALDO, 1984, p. 143, tradução nossa).

Dela, interessa-nos reter aqui a síntese entre pensamento, corpo e emoção, por sua capacidade de romper com os dualismos que opõem tantas vezes a emoção ao corpo ou ao pensamento nas concepções euro-americanas. Rosaldo propõe uma relação que não é de contraste, mas sim de articulação entre os termos, mostrando uma certa complementariedade ao colocar em xeque o nosso idioma psicologizado sobre o fenômeno emocional. Por meio dessa proposta, a autora tenta ir além de uma dicotomia que serve em inúmeros casos para a manutenção das hierarquias e lógicas de poder entre os gêneros.

Rosaldo é uma autora emblemática da “segunda onda” feminista dos anos 1970 – desejosa de confrontar a teoria clássica e seu bias androcêntrico – sempre enfatizando a necessidade de se perceber as ações das mulheres para além das representações simbólicas dos gêneros, constatando a existência de uma forma de “poder feminino” que se dá a partir

das influências pessoais e na informalidade das esferas sociais de atuação. Por isso, a dimensão emocional ganha peso em suas teorias, tendo em vista que ela pode em muitos casos iluminar certas tentativas dos gêneros subalternos em contornar situações de “dominação”. Isso já pode ser percebido na Introdução da coletânea-emblema da antropologia feminista – *A mulher, a cultura e a sociedade* – organizada por Rosaldo e Lamphere (1979). Alertavam assim as organizadoras da obra para a importância de se observar os procedimentos da vida social que parecem “idiossincráticos” e “indesejáveis”, muitos deles conectados ao modus operandi de mulheres em sociedades bastante hierarquizadas:

Embora a estrutura formal da autoridade da sociedade possa declarar que a mulher é impotente e irrelevante, uma observação cuidadosa das estratégias e motivos da mulher, das espécies de escolhas feitas por ela, das relações que ela estabelece e dos objetivos que alcança, indica que, mesmo em situações patentes de desigualdade do papel sexual, ela possui muito mais poder do que os teóricos convencionais admitem. (...) Causando as chamadas tragédias domésticas, procurando o divórcio, ou usando a lealdade e submissão de seus filhos para abalar a família ou a solidez da linhagem, a mulher atua de forma racional para atingir os objetivos desejados como pessoa. Do ponto de vista das normas dominantes, tais procedimentos podem parecer idiossincráticos, destruidores, não importantes ou indesejáveis, mas cientistas sociais ignorando-os poderão esperar apresentar apenas uma explicação parcial da estrutura e dos processos das diferentes formas de vida social. (ROSALDO; LAMPHERE, 1979, p. 27)

Cabe ainda apontar, nesse momento fundante da Antropologia das Emoções, que as pesquisas de Lila Abu-Lughod (1986) também traçavam esse paralelo entre emoções, poder e moralidades de gênero/sexualidade, sintetizando em seus trabalhos as reflexões em torno do fenômeno das emoções e as críticas que eclodiam de modo geral na disciplina a partir do feminismo, do pós-colonialismo e do pós-modernismo. A antropóloga dedicou toda sua carreira a estudar o Egito e seus diferentes grupos sociais, com grande destaque para as mulheres beduínas habitantes do norte do país. Seu clássico trabalho *Veiled Sentiments* (1986) é uma reflexão em torno do sentimento amoroso e das relações de poder em jogo numa família dessa região do Egito. A proposta da autora era investigar por meio da análise das poesias de amor enunciadas por essas mulheres o quanto a expressão de sentimentos estava ligada a uma lógica diária relativa a uma ideologia de dominação aos homens locais. As mulheres do grupo Awlad’Ali, com as quais conviveu perto de dois anos, costumavam discursar sobre seus sentimentos em torno de uma “ideologia da honra e modéstia” (ABU-LUGHOD, 1990, p. 30), que refletia o papel subordinado e dependente da figura feminina com relação aos seus provedores, ou seja, pais, maridos e irmãos. No dia-a-dia, as beduínas pouco comentam sobre suas inquietações emocionais, mantendo

uma conversa entre si bastante contida e retraída, bem próxima da indiferença. Entretanto, nos revela a autora, em determinados contextos uma poesia oral da vida íntima, as *ghinnāwas* ou “pequenas canções”, desestabilizava a esfera controlada e pouco emotiva daquelas mulheres egípcias ao pontuarem suas falas. Esses eram momentos especiais nos quais elas relatavam suas impressões acerca de uma situação específica, geralmente tendo como fundo indiferenciado questões relativas às hostilidades sentidas perante a figura masculina ou o sofrimento causado por um amor perdido. Com isso, em contradição com os discursos da vida ordinária, as poesias beduínas abordavam sentimentos velados, pouco acessíveis na fala comum, tendo como base um discurso da vulnerabilidade feminina, “expressando sentimentos de tristeza devastadora, autopiedade e um senso de traição ou, em casos de amor, um discurso de apego e sentimento profundo” (ABU-LUGHOD, 1986, p. 187, tradução nossa).

Todavia, se nesse primeiro momento suas preocupações com as emoções eram exclusivamente relativas às questões de gênero – por sua trajetória acadêmica nos estudos feministas – posteriormente Abu-Lughod privilegiará pensar emoções e poder a partir de uma reflexão em torno das condições de produção do conhecimento antropológico, tendo como base a percepção de uma limitação existente no conceito de cultura comumente em voga na antropologia norte-americana. A autora afasta-se de suas bases geertzianas e, no artigo *Writing Against Culture* (1991), estabelece um diálogo com o livro-síntese das proposições pós-modernas, o *Writing Culture*, editado em 1986 por James Clifford e George Marcus. Segundo ela, os projetos científicos encabeçados por grupos tratados sem grande ênfase pelo livro – como os das feministas e dos “halfies”, pesquisadores cuja identidade nacional é múltipla, seja por causa de migração, educação no exterior ou laços familiares – ajudaram a elucidar um dilema fundamental presente na antropologia, a saber, a distinção entre o “eu” e o “outro”. O conceito de cultura parece açambarcar essa dicotomia que, para ela, é uma relação de poder reificadora de separações que inevitavelmente desembocam em construções de hierarquias. Desta forma, a autora propõe, tomando como tática humanista, a necessidade de se escrever contra a cultura e defende para isso uma estratégia textual que visa reduzir os efeitos desta divisão hierárquica através de estratégias específicas, dando ênfase especial ao que ela nomeia como sendo uma “etnografia do particular”. O privilégio às esferas subjetivas e dos sentimentos, enfocando os indivíduos em particular e suas relações em constante alteração, subverteria as conotações mais problemáticas que os usos da ideia de cultura favorece, como a homogeneização, a coerência e a falta de uma perspectiva temporal nas descrições dos fatos observados pelos antropólogos em campo (ABU-LUGHOD, 1991, p. 151).

Nesse sentido, dois temas emergem aqui com enorme destaque, podendo mesmo ser apontados como eixos organizadores dessa área de investigação: o gênero e o controle. Diversos trabalhos nos últimos anos no Brasil tomaram já esses eixos como guias para a investigação de problemas distintos, para além dessa cena inaugural da Antropologia das

Emoções. À guisa de ilustração de sua fecundidade, podemos citar diversos trabalhos. O primeiro deles é o estudo de Jimeno (2004) sobre crimes passionais, em que a autora discute a inversão dos atributos emocionais do gênero no caso dos autores de crimes passionais, com o homem que mata por paixão sendo descrito como tomado por um descontrole emocional, ao passo que a mulher que comete esse tipo de crime é retratada como “fria” e capaz de premeditação, em uma inversão que sugere que, para além do crime em si, esses perpetradores teriam cometido uma segunda infração: a adoção do comportamento emocional do outro gênero. Dentro do âmbito das conjugalidades, destacamos também os matizes em torno dos relacionamentos de mulheres transexuais e travestis com seus parceiros “homens” nos estudos de Zampiroli (2018). As lógicas de cuidado por eles tecidas junto a suas parceiras liga-se ao fato de não as assumirem publicamente, dando um caráter subterrâneo a esse amor. Diante de inúmeros limites impostos para que esse relacionamento seja possível, o processo central de tornar-se esposa, para as mulheres trans/travestis, emergia como parte fundamental do fazer-se mulher que suas experiências de transição de gênero suscitavam. Seus “sonhos de mulher” vislumbram o desejo de serem “assumidas”, saírem do subterrâneo, e assim tornarem-se menos domesticadas pelas redes de cuidado-controle de seus cônjuges, tendo em vista a projeção pública gerada pelo sentimento amoroso do casal.

Ainda na área de estudos sobre violência, em outros lugares exploramos a dimensão do gênero em experiências de vitimização em assaltos a residências. Analisando o caso de moradores de um prédio em que vários apartamentos foram assaltados em uma mesma ocasião (COELHO; BISPO, 2007), discutimos como o sentimento de “calma” é compreendido como sendo a dinâmica emocional ideal para lidar com essa experiência da vitimização. Neste padrão, a calma surge como forma de controle da situação. Entretanto, “agir calmamente durante o assalto” não é descrito da mesma forma nas narrativas de homens e mulheres. “Estar calma” é estar passiva durante o assalto. É controlar seu medo interno, não esboçar reações bruscas, obedecer aos assaltantes, ficar parada e permanecer calada. A “calma” feminina nos relatos tanto dos homens quanto das mulheres entrevistados é feita de inércia, comedimento e silêncio. As mulheres são as únicas que falam de si associando o choro como possível reação ao assalto, por exemplo. Entretanto, o homem “calmo” procura “racionalmente” estabelecer pontes entre os personagens da cena do assalto, dialogar e calcular uma possível solução para a situação. Ele, portanto, é capaz de promover um domínio físico e psíquico sobre si mesmo e sobre os outros. Em um outro recorte (COELHO, 2012), analisamos sob uma perspectiva comparativa a experiência de três casais, de faixas etárias distintas, que vivenciaram juntos assaltos a suas residências, mostrando como realizavam uma espécie de “divisão sexual do trabalho emocional”, a um cabendo o controle emocional, a outro o descontrole. A maior contribuição desse trabalho foi a percepção de que o controle podia estar associado ao feminino, com o descontrole sendo o papel masculino; entretanto, quando a mulher é o lócus do controle, o sentimento que ela controla é o medo, ao passo que o homem controlado domina a raiva. Controlar o medo significa, sugerimos ali, uma percepção de si como sujeita a agressões, ao passo que controlar a raiva aponta para uma percepção de

si como sujeito de agressões, em uma forma sutil de reiteração de papéis tradicionais associados ao gênero.

Outros campos de investigação ligados aos estudos sobre consumo e lazer, como a música e o esporte, oferecem novas contribuições para o aprofundamento da compreensão dessa relação entre gênero e (des)controle emocional, problematizando a inevitabilidade dessa distribuição masculino-controle e feminino-descontrole. Com relação ao mundo da música, Giacomini (2011), analisando o brega, mostra como esse estilo musical é marcado pelo descontrole emocional masculino, com o tema principal das canções sendo as dores amorosas de homens abandonados, traídos ou não correspondidos, interpretadas por cantores homens, porém consumidas por um público essencialmente feminino. Mulheres “consumindo” homens emocionalmente descontrolados – esta é a contribuição que abstraímos do estudo de Giacomini para os propósitos desse dossiê. Em outra cena musical completamente distinta, do rock juvenil “emotivo” estudado por Bispo (2010 e 2012), temos grupos específicos de roqueiros em valorizando o descontrole emocional provocado pelas paixões como mote central de seus estilos de vida e visões de mundo. O rock “sentimental” - estimulador de “atitudes românticas”, “hedonistas” e “passionais” - despontou na cena roqueira em meados dos anos 2000 não sem causar conflitos, ao unirem aos másculos riffs e sons pesados de bateria típicos do rock a ode ao sentimentalismo amoroso e a incitação ao (homo)erotismo.

Já nos estudos sobre esportes, o descontrole masculino é o tema da discussão proposta por Rios e Coelho (no prelo) a partir da experiência de torcedores de futebol. Nesse cenário, homens descrevem a si mesmos como “apaixonados” por seus clubes, como capazes de cometer “loucuras” e “sacrifícios” em nome desse sentimento descrito como “paixão” e marcado por uma fidelidade indelével. O descontrole, aí, atesta a intensidade do amor pelo clube, consistindo em via de afirmação de sua masculinidade, em uma contribuição cuja relevância para o campo da Antropologia das Emoções reside no questionamento tanto da inevitabilidade da associação masculino-controle emocional quanto da rigidez da atribuição da valência positiva à racionalidade masculina. Por sua vez, Silva (2018), estudando as sociabilidades entre homens velhos jogadores de cartas que ocorrem em uma praça pública de grande circulação na cidade de Juiz de Fora, chama-nos a atenção para o apreço desses homens pela intensidade e “descontrole” da forma como o jogo é capaz de cativá-los, algo que nomeiam de “feitiço” ou “estar enfeitado”. Para o autor, o “feitiço” só se realiza plenamente entre esses homens junto com um outro jogo por eles estabelecido entre si, conforme trocam as cartas: o das relações jocosas, envolvendo provocações verbais e performances corporais de indecência e grosseria. O que verificamos na análise de Silva é que, se por um lado, o jogo promove o “descontrole” do pleno “domínio” desses homens sobre si mesmos, busca-se contornar essa situação subjetiva de vulnerabilidade colocando a todo instante as masculinidades dos amigos também em xeque, através de pilhérias que são constantemente acusações homofóbicas ou exaltações de performances sexuais masculinas hegemônicas, como a penetração e o desempenho erétil.

Outras explorações das relações entre gênero, sexualidade e emoção podem ser encontradas nos artigos que compõem o recente número temático “Antropologia e Emoções”, organizado por Víctora e Coelho (2019), como a análise da relaço entre gênero e humilhaço proposta por Díaz-Benítez (2019), a dinâmica vergonha-ofensa na revelaço da homossexualidade analisada por Oliveira (2019) ou a experimentaço de sentimentos de culpa e arrependimento nos testemunhos religiosos de artistas convertidas ao pentecostalismo no artigo de Bispo (2019). Em tela, a capacidade das experiências sexuais em oferecer diversos sentidos às moralidades vigentes, testando seus limites e promovendo reconfiguraço nas dinâmicas subjetivas dos sujeitos.

Gênero, controle e poder formam, assim, um tripé temático constitutivo do campo da Antropologia das Emoço. A proposta desse dossiê é, por meio da reunio de um conjunto de textos que abordam aspectos diversos das relaço entre emoço, gênero e sexualidade, contribuir para a consolidaço dessa temática no campo da Antropologia das Emoço no Brasil.

Os quatro primeiros artigos do dossiê destacam principalmente a correlaço entre gênero, emoço e poder. So textos que, tomados como um conjunto, versam sobre os controles dos corpos femininos a partir das interfaces que estes estabelecem com os saberes-poderes jurídicos, midiáticos e científicos (incluindo, nessa rubrica, o próprio conhecimento antropológico). Nesses processos, as emoço ganham proeminência ao realçarem as experiências de violência vivenciadas por mulheres em seus cotidianos, seja por atingirem diretamente seus corpos e subjetividades por conta da letalidade policial, de “maridos violentos” ou de “transtornos” gerados por “estresses pós-traumáticos”, seja pelas violências simbólicas incitadas por propagandas de “boa forma” e beleza em revistas femininas. A todo instante, esses trabalhos mobilizam cadeias emocionais que tendem a operar pela polarizaço entre sentimentos bastante contrastivos entre si (como raiva e amor, por exemplo) mas que se revelam, quando observada a maneira micropolítica de suas operacionalidades, como extremamente complementares uns aos outros.

Brena O’Dwyer realiza uma etnografia de um júri público de um caso de feminicídio e, ao analisar as narrativas de defesa e acusaço do réu, aponta como diferentes noço de gênero e emoço permeiam tais discursos. De imediato, o “controle” emocional - por meio de argumentos considerados “técnicos” - é elogiado enquanto um procedimento imprescindível para a boa prática jurídica. As emoço devem estar de fora de qualquer júri, sendo capazes de poluir uma justa tomada de deciso. Entretanto, elas so a todo instantes elementos importantes na construço de uma “verdade” sobre o caso. Isso porque elas servem para “humanizar” tanto os profissionais que se dizem perplexos com a “tragédia” que esto analisando quanto o perpetrador do ato violento, acometido por “raivas” sobre as quais ele teria quase nenhum domínio. O já destacado argumento do “descontrole” emocional masculino provocado pela “paixo”, como visto em Jimeno

(2004), emerge mais uma vez aqui como a pedra-de-toque da defesa dos réus em casos de feminicídios.

No artigo de Marcos Castro Carvalho, a partir de uma etnografia em um laboratório universitário de neurociências, acompanhamos os sutis processos de controle dos corpos femininos a partir da prática da ciência que é também, em alguma instância, um fazer generificado. O autor demonstra como os diversos temas ligados aos comportamentos e subjetividades das mulheres passeiam pelas conversas (e conclusões) científicas do laboratório, como o debate sobre a naturalização do “amor materno” em decorrência da ação hormonal em seus corpos. Entretanto, se em vários momentos identificamos nas pesquisas socioantropológicas a denúncia do modo como as ciências biomédicas hegemônicas em geral reafirmam padrões de gênero tradicionais em suas “verdades” descobertas, observamos na etnografia de Carvalho a ambígua maneira como o tema da “imobilidade tônica” e do “estresse pós-traumático” pautados pela violência sexual contra mulheres em decorrência da violência urbana torna-se uma questão teórica (e, porque não, política) importante para as neurocientistas do laboratório em questão, preocupadas em construir argumentos científicos a favor das vítimas. Aqui, tal como entre os advogados do artigo de O’Dwyer, as pesquisadoras se deparam com os dilemas do envolvimento/ distanciamento emocional a fim de obterem êxito profissional.

Algo muito próximo dessa linha em torno do papel das emoções no desempenho de uma atividade científica emerge no artigo de Michelli de Souza Ribeiro, cujo foco analítico recai na maneira como moralmente se engajam os antropólogos que se dedicam a escrever etnografias a partir dos sofrimentos experimentados por vítimas da violência estatal e seus familiares, particularmente as mães. Mesmo no contexto de uma disciplina que sempre se interrogou sobre o papel das emoções nas pesquisas de campo - apontando constantemente para as falácias em torno da “objetividade científica” - Ribeiro demonstra o quanto esse estilo de etnografia é feito e refeito entre deslocamentos sobre o que é ético e político, colocando pesquisadores que lidam com a dor do outro em intensos dilemas acerca de suas responsabilidades ético-profissionais. Esse “complexo de sentimentos morais” vivenciado pelo antropólogo implica diretamente nas escolhas teóricas e nas decisões metodológicas de como proceder em campo, mas, principalmente, na modalidade de como irá se engajar com relação às demandas existenciais e políticas de seus interlocutores. Entre variados casos relatados por Ribeiro, destacamos, por exemplo, o posicionamento de uma das mães de vítimas de violência policial quanto à procedência na ordem das entrevistas que uma pesquisadora estava prestes a realizar. As solicitações dessa mãe à antropóloga revelavam sobre os sofreres enfrentados por essas vítimas em “busca de justiça”.

Se os textos anteriores olham para as práticas jurídicas e da ciência a fim de compreender a articulação entre controles, emoções e gênero, o artigo de Charles Antonio Pereira realça uma outra importante instância de poderes em nossa sociedade, a mídia. Sua proposta é analisar a publicidade de produtos cosméticos em duas revistas voltadas para o público feminino no Brasil: A Cigarra, publicada na década de 1920; e Marie Claire, que circula nos dias de hoje. A distância temporal não é aleatória, tendo em vista que o autor

demonstra que, pelo menos ao longo do último século, o discurso midiático publicitário tem se apropriado de uma “linguagem das emoções” a fim de dialogar com “as mulheres”, o público-alvo desses periódicos. Mesmo vendendo produtos muito diferentes e que simbolizam seus respectivos tempos históricos - como as pastas russas para aumento dos seios ou comprimidos que servem para “corpos obstruídos” típicos da década de 1920 - algo se mantém em cem anos: a linguagem “docilizada”, “da melhor amiga”, que reproduz padrões tradicionais de gênero ao compreender as mulheres como sensíveis, “mais emotivas”, enfaticamente vista ao longo dessa apresentação como sendo algo central da cultura ocidental moderna.

Por fim, cabe destacar que os três demais artigos que completam esse dossiê atentam mais especificamente para as dinâmicas da sexualidade e suas conexões com as emoções e os poderes, sem, evidentemente, negligenciar as questões de gênero. Versam sobre os matizes em torno das orientações sexuais da população LGBTQI+ ou dos desejos afetivo-sexuais de pessoas mais velhas. Aqui, os chamados marcadores sociais da diferença emergem como elementos centrais para compreendermos como os controles emocionais são exercidos, tendo em vista que classe, raça, idade e performances de gênero são constantemente manipulados visando a emergência de certos processos de desigualdade e/ou de privilégios sociais.

Nelson Mugabe analisa o papel desempenhado por sentimentos como o desprezo e a humilhação na produção/demarcação de diferenças e desigualdades entre sujeitos LGBT em Maputo, Moçambique. O foco da análise está na tensão entre uma idealização de uma identidade comum baseada na orientação sexual LGBT que, para alguns, deveria se sobrepor a outros marcadores, tais como a classe social, e a percepção de serem alvo de desprezo e humilhação em razão, por exemplo, de diferenças de poder aquisitivo. Desprezo e humilhação fazem aqui um trabalho micropolítico, expressando no plano emocional a percepção de se ver como um sujeito considerado inferior por alguém a quem se idealiza como igual.

O texto seguinte, de autoria de Diego Calmon, explora o tema da revelação da bissexualidade, entendida como uma espécie de “zona de opacidade” na literatura das Ciências Sociais. A partir da presença de sentimentos como o orgulho (trazido através da categoria nativa “pleno”, usada por um entrevistado para descrever o modo como se portou altivamente diante das críticas de seu pai por estar em um relacionamento homoafetivo) ou o ciúme (tratado como atestado de reconhecimento de sua bissexualidade por parte de seu namorado no relato de uma entrevistada, ao contar da reação do rapaz diante de seu envolvimento com uma amiga), o autor procura entabular um diálogo com as tese de Gayle Rubin, com o propósito de melhor compreender as “estratificações sexuais” em nossa sociedade, formações ideológicas que visam controlar a todo instante o “mau” sexo, em contraste com o compreendido “bom” sexo.

Por fim, o dossiê se encerra como o artigo de Oswaldo Zampiroli que traz dados de uma etnografia realizada em um abrigo espírita para idosos, focando nos relatos e idealizações da vida amorosa de duas senhoras. Ambas falam de histórias amorosas dramáticas, marcadas pelo desencontro, em um caso, e pelos maus tratos, em outro. E

ambas idealizam a chegada de uma relação amorosa plena, compatível com seus anseios, relação essa, contudo, relegada a uma vida futura, pois que tensionada pela representação de seus corpos envelhecidos como incapazes de suscitar o desejo no outro. O sentimento em destaque, aqui, é a solidão, descrita pelo autor como “sexual/afetiva”, assim como os controles morais que tangenciam os limites da idade, ou seja, a sensação de que a velhice, talvez, “não seja mais para essas coisas”.

Referências Bibliográficas

- ABU-LUGHOD, Lila. *Veiled Sentiments: honor and poetry in a Bedouin society*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1986.
- _____. Shifting politics in Bedouin love poetry. In: LUTZ, Catherine.; ABU-LUGHOD, Lila. (eds.). *Language and the Politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. pp. 24-45.
- _____. Writing against culture. In: FOX, R. (ed.). *Recapturing Anthropology: Working in the Present*. Santa Fe: School of American Research Press, 1991. pp: 137-154.
- ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction. In: LUTZ, Catherine.; ABU-LUGHOD, Lila. (eds.). *Language and the Politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. pp. 1-23.
- BISPO, Raphael. Heterotopias emo: notas etnográficas sobre desvios e inversões da juventude emcore no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto.; DUARTE, Luiz Fernando Dias (orgs.). *Juventude Contemporânea: culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010. pp. 27-43.
- _____. *Jovens Werthers: amores e sensibilidades no mundo Emo*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.
- _____. “Deus dá uma segunda chance”: sofrer e refazer mundos em testemunhos religiosos. *Horizontes Antropológicos*, n. 54, pp. 111-139, 2019.
- COELHO, Maria Claudia. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. *Mana*, v. 16, n. 2, pp. 265-285, 2012.
- COELHO, Maria Claudia; BISPO, Raphael. Emoção e experiências de vitimização: notas sobre a micropolítica das emoções. In: *Anais da VII Reunião de Antropologia do Mercosul*, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2007.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. O gênero da humilhação: afetos, relações e complexos emocionais. *Horizontes Antropológicos*, n. 54, pp. 51-78, 2019.
- GIACOMINI, Sonia Maria. Emoção “brega” e relações de gênero na feira de São Cristóvão: corações, corpos e mentes em transbordamento emocional. In: COELHO, Maria Claudia.; REZENDE, Claudia Barcellos. (orgs.). *Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2011, pp. 27-43.
- JIMENO, Myriam. *Crimen pasional – contribución a una antropología de las emociones*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2004.
- LUTZ, Catherine. *Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian Atoll and their challenge to western theory*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

- LUTZ, Catherine. Engendered emotion: gender, power, and the rhetoric of emotional control in American discourse. In: LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila (Orgs.). *Language and the Politics of Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. pp. 69-91.
- OLIVEIRA, Leandro de. A “vergonha” como uma “ofensa”: homossexualidade feminina, família e micropolíticas da emoção. *Horizontes Antropológicos*, n. 54, pp. 141-171, 2019.
- REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- RIOS, Fábio; COELHO, Maria Claudia. Emoção e Masculinidade no Universo do Futebol no Brasil. *Cadernos Pagu* (no prelo).
- ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. Introdução. In: ROSALDO, Michelle.; LAMPHERE, Louise. (coord.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 17-64, 1979.
- ROSALDO, Michelle. Toward an Anthropology of Self and Feeling. In: Richard Shweder; Robert LeVine (Orgs.) *Culture Theory: Essays on Mind, Self and Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. pp. 137-57.
- SILVA, William Assis da. O feitiço do jogo: masculinidades no Parque Halfeld de Juiz de Fora. *Teoria e Cultura*, v. 13, n. 1, pp. 68-84, 2018.
- VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. *Horizontes Antropológicos*, n. 54, pp. 7-21, 2019.
- ZAMPIROLI, Oswaldo. Tornar-se esposa, fazer-se mulher: o casamento estabelecendo gênero nas relações conjugais de mulheres trans/travestis. *Teoria e Cultura*, v. 13, n. 1, pp. 143-159, 2018.

autores

Raphael Bispo

É professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, com mestrado e doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Maria Claudia Coelho

É professora titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com mestrado em Antropologia e doutorado em Sociologia.

Recebido em 13/11/2019

Aceito para publicação em 20/12/2019